

Querido John



**Nicholas
Sparks**

Tradução:
Patricia de Cia



U_M



Wilmington, 2000

Meu nome é John Tyree. Nasci em 1977 e cresci em Wilmington, Carolina do Norte, uma cidade que ostenta orgulhosamente o maior porto do Estado, bem como uma história longa e vibrante, mas que hoje me parece mais uma cidade surgida por acaso. Certo, o clima é ótimo e as praias perfeitas, mas a cidade não estava preparada para a onda de ianques aposentados que vieram do norte em busca de um lugar barato para passar a melhor idade. Wilmington está localizada em um braço de terra relativamente estreito, delimitado de um lado pelo rio Cape Fear, e de outro, pelo oceano. A autoestrada 17 – que liga Myrtle Beach e Charleston – corta a cidade e serve de via principal. Quando eu era criança, meu pai e eu íamos de carro do centro histórico, perto do rio Cape Fear, à praia de Wrightsville em dez minutos, mas hoje existem tantos semáforos e shopping centers que a viagem chega a durar uma hora, especialmente nos fins de semana, quando os turistas inundam a cidade. A praia de Wrightsville, localizada em uma ilha ao largo da costa, está no extremo norte de Wilmington e, de longe, é uma das praias mais populares do Estado. As casas ao longo das dunas são absurdamente caras, e a maioria é alugada no verão. Outer Banks pode ter um apelo mais romântico por causa do

isolamento, dos cavalos selvagens e do voo que fez a fama de Orville e Wilbur, mas, devo dizer, a maioria das pessoas que vão para o litoral em férias sente-se mais confortável quando encontra um McDonald's ou um Burger King por perto, no caso de as crianças não gostarem muito da comida local, e quer mais do que um par de opções quando se trata de atividades noturnas.

Como qualquer cidade, Wilmington tem partes ricas e pobres. Meu pai tinha um dos empregos mais seguros e sólidos do planeta – ele fazia as entregas em uma das rotas dos correios – e nossa família vivia bem. Sem luxo, mas bem. Não éramos ricos, mas morávamos perto o suficiente da área rica para que eu frequentasse um dos melhores colégios da cidade. No entanto, ao contrário das casas dos meus amigos, a nossa era velha e pequena; parte da varanda estava começando a cair, embora o jardim mantivesse seu charme. Havia um grande carvalho no quintal, e, quando eu tinha oito anos, construí uma casa na árvore com pedaços de madeira que recolhi em um canteiro de obras. Meu pai não me ajudou com o projeto (se ele acertasse um prego com um martelo, isso poderia honestamente ser chamado de acidente); nesse mesmo verão, aprendi sozinho a surfar. Suponho que deveria ter percebido nessa época como era diferente de meu pai, mas isso só demonstra o quão pouco se sabe da vida quando se é garoto.

Nós éramos totalmente diferentes um do outro. Enquanto ele era sedentário e introspectivo, eu estava sempre em movimento e odiava ficar sozinho; ele dava muito valor à educação; para mim, a escola era um clube para socializar e praticar esportes. Ele tinha má postura e andava de um jeito meio estranho; eu saltava de um lado para outro e pedia o tempo todo para que ele marcasse quanto tempo eu levava para ir até o fim do quarteirão e voltar. Fiquei mais alto do que ele no oitavo ano, e o derrotaria no braço de ferro no ano seguinte. Nossas feições também eram completamente diferentes. Ele tinha cabelos ruivos, olhos castanhos e sardas; eu, cabelos e olhos castanhos, e minha pele morena ficava profundamente bronzeada já em maio. Alguns de nossos vizinhos estranhavam o quanto éramos diferentes, o que fazia sentido, suponho, considerando que ele me criou sozinho. Quando fiquei mais velho, às vezes os ouvia fofocando sobre

minha mãe ter fugido quando eu tinha menos de um ano. Embora mais tarde eu passasse a suspeitar que minha mãe tenha ido embora com outra pessoa, meu pai nunca confirmou isso. Ele dizia apenas que ela percebeu ter cometido um erro casando-se tão jovem e que não estava pronta para ser mãe. Meu pai não incitava o desprezo por ela, nem a elogiava, mas fazia questão de que eu a incluísse em minhas orações, não importando onde ela estivesse nem o que havia feito. “Você me faz lembrar dela”, ele dizia às vezes. Até hoje, nunca troquei uma única palavra com ela, nem tenho qualquer desejo de fazê-lo.

Acho que meu pai era feliz. Digo isso porque ele raramente demonstrava emoções. Abraços e beijos foram raros durante minha infância, e, quando os recebia, me pareciam sem vida, algo que ele fazia por dever, não por desejo. Sei que me amava pela maneira como se dedicou a cuidar de mim, mas ele tinha quarenta e três anos quando nasci e parte de mim acha que meu pai seria melhor como monge do que como pai. Ele era o homem mais silencioso que já conheci. Pouco perguntava sobre o que estava acontecendo na minha vida, e embora raramente se irritasse, tampouco brincava. Vivía para a rotina. Cozinhava ovos mexidos, torradas e bacon para mim todas as manhãs, e me ouvia falar sobre a escola durante o jantar, que ele também preparava. Agendava consultas ao dentista com dois meses de antecedência, pagava suas contas aos sábados pela manhã, lavava as roupas no domingo à tarde e saía de casa todos os dias exatamente às 7h35. Ele era socialmente desajeitado e passava longas horas sozinho todos os dias, despejando pacotes e maços de cartas nas caixas de correio ao longo de seu percurso. Ele não namorava, nem passava as noites de fim de semana jogando pôquer com os amigos; o telefone permanecia em silêncio por semanas. Quando tocava, era engano ou um operador de telemarketing. Sei o quão difícil deve ter sido para ele me criar sozinho, mas ele nunca se queixou, mesmo quando eu o decepcionei.

Eu passava a maioria das noites sozinho. Com os deveres do dia finalmente concluídos, meu pai se enfiava em seu escritório para ficar com suas moedas. Era a grande paixão da vida dele. O que lhe dava mais felicidade era ficar sentado em seu gabinete estudando um boletim de um negociante de

moedas chamado Greysheet e tentando descobrir a próxima moeda que ele adicionaria à sua coleção. Na verdade, foi meu avô quem originalmente começou a coleção de moedas. O herói de meu avô era um homem chamado Louis Eliasberg, um financista de Baltimore, a única pessoa a ter montado uma coleção completa de moedas dos Estados Unidos, incluindo todas as variações de datas e casas da moeda. Sua coleção rivalizava, se não superava, a do Smithsonian. Após a morte da minha avó, em 1951, meu avô ficou fascinado com a ideia de fazer uma coleção com seu filho. Durante os verões, meu avô e meu pai viajavam de trem a várias casas de moeda para coletar modelos novos em primeira mão ou visitar exposições de moedas no sudeste. Com o tempo, meu avô e meu pai estabeleceram relações com negociantes de moedas de todo o país, e meu avô gastou uma fortuna ao longo dos anos comprando e aprimorando a coleção. Ao contrário de Louis Eliasberg, no entanto, meu avô não era rico – era dono de um armazém na Burgaw, que fechou quando o Wiggly Piggly abriu as portas na cidade – e nunca teve a chance de igualar o feito do financista. Mesmo assim, cada dólar extra foi gasto em moedas. Meu avô usou o mesmo paletó durante trinta anos, dirigiu o mesmo carro toda a sua vida, e tenho certeza de que meu pai começou a trabalhar nos correios em vez de ir para a faculdade porque não sobrou um centavo para pagar nada além do ensino médio. Uma coisa é certa: como meu pai, meu avô era um cara diferente. Tal pai, tal filho, como diz o velho ditado. Quando o velho finalmente morreu, seu testamento determinava que a casa deveria ser vendida, e o dinheiro usado para comprar ainda mais moedas, o que meu pai, muito provavelmente, teria feito de qualquer maneira.

Quando meu pai a herdou, a coleção já era muito valiosa. Na época em que a inflação disparou e o ouro bateu os 850 dólares a onça, ela valia uma pequena fortuna, mais do que suficiente para que meu pai de hábitos frugais se aposentasse, e muito mais do que valeria um quarto de século mais tarde. Mas nem meu avô nem meu pai colecionavam por dinheiro; o faziam pela emoção da procura e por causa do vínculo estabelecido entre eles. Havia algo de interessante na longa e difícil busca por uma moeda em particular, até finalmente localizá-la e em seguida negociar um preço justo. Às

vezes, uma moeda era acessível; outras, não. Mas cada uma das peças que entrava para a coleção era um tesouro. Meu pai esperava partilhar essa paixão comigo, incluindo o sacrifício necessário. Durante a infância e a adolescência, tive que dormir com cobertores extras no inverno e tinha um único par de sapatos novos por ano; nunca havia dinheiro para roupas, a menos que elas fossem compradas no Exército de Salvação. Meu pai sequer possuía uma câmera. A única foto nossa foi em uma exposição de moedas em Atlanta. Um negociante fez a foto enquanto estávamos em frente a seu estande e a enviou para nós. Durante anos, ela ficou exposta na escrivaninha do meu pai. Na foto, meu pai está com o braço sobre meu ombro, e ambos estamos radiantes. Na minha mão, há um níquel búfalo 1926-D em perfeitas condições, uma moeda que meu pai tinha acabado de comprar. A moeda estava entre os mais raros níqueis búfalo, e acabamos comendo cachorro-quente e feijão durante meses, uma vez que custara mais do que o esperado.

Mas eu não me importava com o sacrifício – pelo menos durante um tempo. Quando meu pai começou a falar comigo sobre moedas – eu devia estar na primeira ou segunda série –, ele me tratou de igual para igual. Um adulto, especialmente seu pai, tratar você como um igual é emocionante para qualquer criança, e eu me deliciava com a atenção, absorvendo as informações. Em pouco tempo, sabia dizer quantas Saint-Gaudens águia dupla foram cunhadas em 1927 em comparação a 1924 e porque uma moeda de dez centavos Barber cunhada em Nova Orleans em 1895 valia dez vezes mais do que uma mesma moeda cunhada no mesmo ano na Filadélfia. Aliás, eu ainda sei. No entanto, ao contrário de meu pai, minha paixão de colecionador finalmente começou a desaparecer. Meu pai só sabia falar disso, e depois de seis ou sete anos passando os fins de semana com ele em vez de sair com os amigos, eu fiquei farto. Como a maioria dos garotos, passei a me interessar por outras coisas: esporte, meninas, carros e, sobretudo, música. E aos quatorze anos, eu ficava pouco tempo em casa. Meu ressentimento também aumentava. Pouco a pouco, comecei a notar diferenças no nosso modo de vida em comparação aos meus amigos. Enquanto eles tinham dinheiro para ir ao cinema ou

comprar um elegante par de óculos de sol, eu tinha de vasculhar o sofá atrás de moedas para comer um hambúrguer no McDonald's. Mais de um dos meus amigos ganhou um carro no aniversário de dezesseis anos; meu pai me deu um dólar de prata Morgan cunhado em 1883 em Carson City. As manchas no nosso sofá velho eram cobertas por uma manta, e éramos a única família que eu conhecia sem televisão a cabo ou forno de microondas. Quando nossa geladeira quebrou, ele comprou uma usada, no tom de verde mais horrível do mundo, uma cor que não combinava com nada na cozinha. Fiquei envergonhado com a ideia de convidar amigos para me visitar e culpei meu pai por isso. Sei que era um sentimento muito mesquinho – se a falta de dinheiro me incomodava tanto, eu poderia ter cortado grama ou feito bicos, por exemplo –, mas foi assim que aconteceu. Fui cego como um morcego e burro como uma porta, mas, mesmo se disser que lamento minha imaturidade, não posso desfazer o passado.

Meu pai percebeu que algo estava mudando, mas não tinha ideia do que fazer a respeito. Ele tentou, porém, do único modo que sabia, do mesmo modo que o pai dele. Conversou sobre moedas – o único assunto que era capaz de discutir com facilidade – e continuou a cozinhar meu café da manhã e meu jantar; mas nosso estranhamento piorou ao longo do tempo. Além disso, me afastei dos amigos de sempre. Eles estavam se dividindo em grupinhos, de acordo com os filmes que assistiam ou as camisetas que haviam comprado no shopping, e eu me sentia de fora, apenas observando. Danem-se, pensei. No ensino médio, há sempre um lugar para todos, e eu comecei a andar com o grupo errado, o grupo de quem não dá a mínima para nada, e também passei a não me importar com nada. Comecei a faltar às aulas e a fumar, e fui suspenso três vezes por brigar.

Também desisti dos esportes. Jogava futebol e basquete e praticava atletismo até o segundo ano. Embora de vez em quando meu pai perguntasse como eu havia me saído nas competições, ele parecia desconfortável se eu entrasse nos detalhes, uma vez que era óbvio que ele não sabia nada sobre esportes. Ele nunca tinha participado de um time na vida. Foi só a um jogo de basquete no meu segundo ano. Sentou-se na arquibancada, um cara estranho e careca vestindo um paletó esporte

gasto e meias que não combinavam. Embora ele não fosse obeso, suas calças ficavam apertadas na cintura, e ele parecia uma grávida de três meses. Eu não queria ter nada a ver com aquilo. Estava envergonhado por sua figura, e o evitei depois do jogo. Não tenho orgulho de mim por isso, mas eu era assim.

As coisas se deterioraram. No último ano, minha revolta chegou ao ápice. Minhas notas foram piorando por dois anos, mais por preguiça e queda de atenção do que por falta de inteligência (eu gosto de pensar), e mais de uma vez meu pai me pegou entrando em casa tarde da noite com hálito de bebida. Fui escoltado pela polícia até em casa depois de ser pego em uma festa onde havia drogas e bebidas. Quando meu pai quis me proibir de sair, tive um ataque de ira, o mandei não se meter na minha vida e passei duas semanas na casa de um amigo. Ele não disse nada no meu retorno; em vez disso, ovos mexidos, torradas e bacon estavam sobre a mesa pela manhã, como de costume. Passei raspando em todas as matérias e suspeito que a escola tenha deixado eu me formar apenas para se livrar de mim. Sei que meu pai estava preocupado, e às vezes, à sua maneira tímida, ele abordava o assunto faculdade, mas eu já tinha decidido não ir. Queria um emprego, queria um carro, queria as coisas materiais sem as quais havia vivido dezoito anos.

Não mencionei nada disso para ele até o verão depois da formatura, mas, quando ele percebeu que de fato eu não tinha me inscrito para a faculdade, trancou-se em seu escritório pelo resto da noite e não disse nada durante o café com ovos e bacon na manhã seguinte. Mais tarde, naquela noite, ele tentou me envolver em outra discussão sobre moedas, como que tentando recuperar o companheirismo que havia entre nós.

“Lembra quando fomos para Atlanta e você encontrou o níquel búfalo que procurávamos há anos?”, ele começou. “Aquela viagem em que tiramos a foto? Nunca vou esquecer como você estava animado. Lembrei de mim e meu pai.”

Balancei a cabeça, toda a frustração da vida com o meu pai vindo à tona. “Estou farto de ouvir falar de moedas!”, gritei. “Nunca mais quero ouvir falar disso! Você deveria vender a maldita coleção e fazer outra coisa. Qualquer outra coisa.”

Meu pai não disse nada, mas nunca vou esquecer a expressão dolorosa quando ele finalmente se virou e marchou de volta ao escritório. Eu o havia magoado. Embora tenha dito a mim mesmo que não queria aquilo, no fundo sabia que estava mentindo. Meu pai nunca mais tocou no assunto moedas. Nem eu. Isso se transformou em um enorme fosso entre nós, pois ficamos sem ter o que dizer um ao outro. Poucos dias depois, percebi que nossa única fotografia também havia desaparecido, como se ele acreditasse que mesmo o menor lembrete das moedas pudesse me ofender. Na época, provavelmente ofenderia. Apesar de eu ter presumido que ele havia jogado a foto fora, tal percepção não me incomodou em nada.

Durante a adolescência, nunca cogitei entrar para o exército; isso nunca passou pela minha cabeça. Apesar de o leste da Carolina do Norte ser uma das áreas mais militarizadas do país – existem sete bases a poucas horas de carro de Wilmington – achava que a vida no exército era para fracassados. Quem queria passar a vida recebendo ordens de um bando de escovinhas escravos? Não eu, e quase ninguém mais da minha escola, exceto os caras do ROTC¹. Em vez disso, a maioria dos bons alunos foi para a University of North Carolina ou a North Carolina State, enquanto os que não eram bons ficaram para trás, vagabundeando de um trabalho ruim para o outro, bebendo cerveja, saindo à noite e, sobretudo, evitando qualquer coisa que pudesse exigir um mínimo de responsabilidade.

Eu fazia parte da última categoria. Nos dois anos após a formatura, passei por uma sucessão de empregos, trabalhando como garçom no Outback Steakhouse, rasgando canhotos de ingressos no cinema local, fazendo carga e descarga de caixas no Staples, cozinhando panquecas na Waffle House e trabalhando como caixa em lojas turísticas que vendiam bugigangas para quem não era da cidade. Gastei cada centavo que ganhei, nunca tive a ilusão de galgar a carreira gerencial, e acabei sendo demitido de todos os trabalhos que tive. Por um tempo, não me importei. Estava vivendo a minha vida. Era ótimo surfar até tarde e dormir, e como ainda morava

¹ Reserve Officers' Training Corps, em tradução literal, Corporação de Treinamento de Oficiais da Reserva. É um programa militar dos EUA para universitários com foco em liderança, solução de problemas, planejamento estratégico e ética.

em casa, minha renda não era necessária para coisas como aluguel, alimentação, seguro ou garantir meu futuro. Além disso, nenhum dos meus amigos estava melhor do que eu. Não me lembro de estar particularmente infeliz, mas depois de um tempo cansei daquela vida. Não do surfe – em 1996, os furacões Bertha e Fran atingiram a costa, e aquelas foram as melhores ondas do ano –, mas de ficar no bar do Leroy depois do surfe. Comecei a perceber que todas as noites eram iguais. Beber cervejas e topar com algum amigo do ensino médio que perguntaria o que eu andava fazendo, eu perguntaria o que ele andava fazendo, e não é preciso ser nenhum gênio para perceber que nós dois estávamos no caminho mais rápido para lugar nenhum. Mesmo quando um deles morava sozinho – coisa que eu nunca fiz – não acreditava ao ouvi-los dizer que gostavam do trabalho com escavadeiras, como lavador de janelas ou no caminhão Porta Potti, pois sabia muito bem que nenhuma dessas era a profissão de seus sonhos. Posso ter sido preguiçoso na sala de aula, mas nunca fui burro.

Namorei dezenas de mulheres durante esse período. No Leroy, sempre havia mulheres. Na maioria das vezes, eram casos passageiros. Usei mulheres e me deixei usar por elas, sempre resguardando meus sentimentos. Só meu relacionamento com Lucy durou mais do que alguns meses e, por um curto período de tempo antes da separação inevitável, pensei estar apaixonado por ela. Ela estudava na UNC Wilmington, era um ano mais velha do que eu e queria trabalhar em Nova York depois de se formar. “Eu gosto de você”, ela me disse na nossa última noite juntos, “mas nós queremos coisas diferentes. Você poderia fazer muito mais com sua vida, mas, por algum motivo, se contenta em simplesmente ir levando.” Ela hesitou antes de continuar. “Além disso, nunca sei como você realmente se sente em relação a mim.” Eu sabia que ela estava certa. Nunca disse a ela o quanto ela significava para mim. Algum tempo depois, ela embarcou em um avião sem se incomodar em dizer adeus. Um ano mais tarde, depois de conseguir o número com os pais dela, telefonei e conversamos por vinte minutos. Ela estava noiva de um advogado, disse-me, e iria se casar em junho próximo.

O telefonema me afetou mais do que eu imaginava. Foi em um dia em que eu havia acabado de ser demitido

novamente e tinha ido me consolar no Leroy, como sempre. A mesma turma de fracassados estava lá, e, de repente, percebi que não queria passar mais uma noite sem sentido fingindo que minha vida estava bem. Em vez disso, comprei seis latas de cerveja e fui me sentar na praia. Foi a primeira vez em anos que realmente parei para pensar no que estava fazendo com minha vida, e me perguntei se deveria aceitar o conselho do meu pai e arrumar um diploma universitário. Porém, fazia tanto tempo que eu estava longe da escola que a ideia me pareceu absurda e ridícula. Chame de sorte ou azar, mas logo em seguida, dois fuzileiros navais passaram por perto. Jovens e em forma, eles irradiavam confiança e calma. Disse a mim mesmo: se eles podem, eu também posso.

Refleti a respeito alguns dias. No final, meu pai acabou influenciando minha decisão. Não que eu tenha conversado com ele sobre isso – nós não estávamos nos falando. Certa noite, quando ia buscar algo na cozinha, reparei nele sentado em sua escrivaninha, como sempre. Desta vez, porém, detive-me para estudá-lo. Seu cabelo era quase inexistente, e o pouco que restava estava completamente grisalho nas laterais. Em breve, ele se aposentaria, e de repente percebi que não tinha o direito de continuar sendo uma decepção depois de tudo que ele fizera por mim.

Assim, entrei para o exército. Meu primeiro pensamento foi me alistar nos fuzileiros navais, pois era com quem eu tinha mais familiaridade. A praia Wrightsville sempre esteve repleta de soldados anônimos de Camp Lejeune ou Cherry Point, mas, quando chegou a hora, escolhi o exército. Achei que iria acabar com uma arma nas mãos em ambos os casos, mas o que realmente me fez decidir foi o recrutador dos fuzileiros navais estar almoçando e não poder me atender na hora em que cheguei, ao contrário do recrutador do exército – cujo escritório ficava do outro lado da rua. No fim, a decisão pareceu mais espontânea do que planejada, mas mesmo assim assinei na linha pontilhada concordando com os quatro anos de alistamento. Quando o recrutador bateu nas minhas costas e felicitou-me, comecei a me perguntar no que havia me metido. Isso aconteceu no final de 1997; e eu tinha vinte anos.

O treinamento em Fort Benning foi tão horrível quanto eu imaginava. A coisa toda parecia destinada a nos humilhar

e nos submeter a uma lavagem cerebral para seguir ordens, não importa o quão estúpidas, sem questionar, mas me adaptei mais rapidamente do que um monte de caras. Quando terminou, escolhi a infantaria. Passamos os meses seguintes fazendo simulações em lugares como a Louisiana e o bom e velho Fort Bragg, onde aprendemos basicamente a melhor forma de matar pessoas e quebrar coisas. Depois de um tempo, minha unidade, parte da Primeira Divisão de Infantaria – apelidada de “A Vermelha” –, foi enviada para a Alemanha. Eu não falava uma palavra de alemão, mas não importava, pois praticamente todos com quem tinha contato falavam inglês. O início foi fácil, mas então a vida militar realmente começou. Passei sete meses horríveis nos Bálcãs – primeiro na Macedônia em 1999, depois no Kosovo, onde permaneci até o final da primavera de 2000. A vida no exército não paga muito, mas considerando que não havia aluguel, despesas de alimentação e praticamente nada com que gastar meu salário, pela primeira vez passei a ter dinheiro no banco. Não muito, mas o suficiente.

Passei minha primeira licença em casa, enlouquecendo de tédio. Na minha segunda licença, fui para Las Vegas. Um dos meus camaradas era de lá e três de nós fomos para a casa dos pais dele. Torrei praticamente tudo o que havia guardado. Na minha terceira licença, voltando de Kosovo, precisava desesperadamente de um descanso, e decidi voltar para casa, esperando que o tédio da estadia fosse suficiente para acalmar minha mente. Por causa da distância, meu pai e eu raramente nos falávamos ao telefone, mas ele me escrevia pontualmente no primeiro dia de cada mês. Não era como as cartas que meus amigos recebiam das mães, irmãs ou esposas. Nada muito pessoal, nada piegas, e nunca uma palavra sugerindo que ele sentia minha falta. Ele nunca mencionou moedas. Em vez disso, escrevia sobre as mudanças no bairro e sobre o clima. Quando escrevi contando sobre um violento tiroteio do qual participei nos Bálcãs, ele respondeu dizendo estar contente por eu ter sobrevivido, e nada mais. Pelo jeito como ele escreveu a resposta, soube que não queria ouvir falar dos perigos que passei. O fato de eu estar em perigo o apavorava, então comecei a omitir as coisas assustadoras. Em vez disso, passei a contar como o trabalho de guarda era, sem dúvida, o mais

chato já inventado no mundo, e que a única coisa emocionante que havia me acontecido nas últimas semanas foi tentar adivinhar quantos cigarros o outro cara do meu turno fumara em uma única noite. Meu pai acabava cada carta com a promessa de que iria escrever novamente em breve e, mais uma vez, o homem não me decepcionou. Há muito tempo percebi que ele foi um homem muito melhor do que jamais serei.

Eu amadurecera muito naqueles três anos. Sim, eu sei, sou um clichê ambulante – partir um menino, voltar um homem e tudo o mais. Mas, no exército, todos são obrigados a amadurecer, especialmente se você está na infantaria como eu. Você é responsável por equipamentos que custam uma fortuna, as pessoas confiam em você e, se você estragar tudo, a pena é muito mais grave do que ser enviado para a cama sem jantar. Claro, há muita burocracia e tédio, todo mundo fuma, ninguém consegue terminar uma frase sem um palavrão, todos guardam revistas pornô debaixo da cama, e você tem de obedecer aos sujeitos do ROTC que acabaram de sair da faculdade e acham que peões como eu têm o QI dos neandertais. Mas é forçado a aprender a lição mais importante da sua vida: você tem de cumprir com suas responsabilidades e é melhor fazer direito. Quando recebe uma ordem, não pode dizer não. Não é nenhum exagero dizer que vidas estão em jogo. Uma decisão errada e seu amigo pode morrer. Este fato determina o trabalho no exército. Esse é o grande erro de muitas pessoas que questionam como os soldados conseguem por a própria vida em risco, dia após dia, ou lutar por algo no qual não acreditam. Nem todo mundo consegue. Já trabalhei com soldados de todas as vertentes políticas, conheci alguns que odiavam o exército e outros que queriam fazer carreira. Encontrei gênios e idiotas, mas quando tudo foi dito e feito, fazíamos o que fazíamos um pelo outro. Por amizade. Não pelo país, por patriotismo ou porque somos máquinas programadas para matar, mas por causa do cara ao seu lado. Você luta pelo seu amigo, para mantê-lo vivo, ele luta por você, e tudo no exército gira em torno dessa simples premissa.

Mas, como disse, eu tinha mudado. Quando entrei no exército, era fumante e quase cuspi um pulmão durante o treinamento. Porém, ao contrário de praticamente todos na minha unidade, parei de fumar e não tocava em um cigarro

havia mais de dois anos. Diminuí a bebida até uma ou duas cervejas por semana, e podia passar meses sem um gole. Minha ficha era impecável. Fora promovido de soldado a cabo e, seis meses depois, a sargento. Aprendi que tinha habilidade para liderar. Guiara homens em meio a tiroteios, e meu batalhão participou da captura de um dos mais notórios criminosos de guerra nos Balcãs. Meu comandante me recomendou para a Officer Candidate School (OCS)², e eu tinha dúvidas se deveria ou não tornar-me oficial, pois às vezes isso significava trabalho interno e muita papelada, e não estava certo de que queria isso. Além do surfe, eu não fazia nenhuma atividade física antes de me alistar; quando tirei a terceira licença, havia ganhado vinte quilos de músculos e eliminado a gordura infantil do abdômen. Passava a maior parte do tempo livre correndo, lutando boxe e levantando peso com Tony, um marombado de Nova York que gritava quando falava, jurava que tequila era afrodisíaco, e era, de longe, meu melhor amigo na unidade. Ele me convenceu a tatuar os dois braços, igual a ele, e com o passar dos dias, a lembrança de quem eu tinha sido, se tornava mais e mais distante.

Eu também lia muito. No exército, há muito tempo para ler, e as pessoas trocam livros o tempo todo ou os pegam emprestados na biblioteca até as capas ficarem gastas. Não quero dar a impressão de ter me tornado um intelectual. Não me interessava por Chaucer, Proust, Dostoiévski ou qualquer outro escritor morto; lia principalmente mistério, suspense, livros de Stephen King e tomei gosto especial por Carl Hiaasen. Suas palavras fluíam facilmente e ele sempre me fazia rir. Acho que, se as escolas nos mandassem ler esses livros nas aulas de literatura, teríamos muito mais leitores no mundo.

Ao contrário dos meus amigos, eu me esquivava de qualquer perspectiva de companhia feminina. Soa estranho, não? No auge da idade, em um trabalho que transborda testosterona, o que poderia ser mais natural do que procurar um pouco de alívio com a ajuda de uma mulher? Não era para mim. Embora alguns dos meus colegas saíssem e até mesmo se casassem com as moças do lugar, enquanto estávamos servindo em Wurzburg, ouvi histórias suficientes para saber que

esses casamentos raramente funcionavam. O militar é duro nos relacionamentos em geral – tinha visto divórcios demais para saber disso – e, embora a ideia de ter alguém especial não me incomodasse, isso nunca aconteceu. Tony não conseguia entender.

“Você tem que sair comigo”, ele dizia. “Você nunca vem.”

“Não estou a fim.”

“Como pode você não estar a fim? Sabine jura que a amiga dela é deslumbrante. Alta, loira e ama tequila.”

“Leva o Don. Tenho certeza de que ele quer ir.”

“Castelow? De jeito nenhum. Sabine detesta ele.”

Eu não disse nada.

“Nós só vamos nos divertir um pouco.”

Balancei a cabeça, pensando que preferiria estar só a ter uma recaída e voltar ao passado, mas acabei me questionando se não me tornaria tão solitário como meu pai.

Convencido de que não poderia me fazer mudar de ideia, Tony nem tentava esconder sua decepção a caminho da rua. “Às vezes, não te entendo.”

* * *

Quando meu pai foi me buscar no aeroporto, não me reconheceu à primeira vista, e quase deu um pulo quando toquei em seu ombro. Ele parecia menor do que eu me lembrava. Em vez de me dar um abraço, estendeu-me a mão e perguntou sobre o voo, mas nenhum dos dois sabia o que dizer depois disso, e então fomos embora. Era estranho e desorientador estar em casa, e me senti no limite, como na primeira licença. No estacionamento, após jogar minhas coisas no porta-malas, notei um adesivo pedindo apoio às nossas tropas na traseira do antigo Ford Escort do meu pai. Não tinha certeza do que aquilo significava para o meu pai, mas ainda assim, fiquei feliz por vê-lo.

Em casa, coloquei minhas coisas no meu antigo quarto. Tudo estava como eu me lembrava, até os troféus empoeirados na estante e a meia garrafa de uísque Wild Turkey no fundo da minha gaveta de cuecas. A mesma coisa no resto da casa. A manta ainda cobria o sofá, a geladeira verde parecia

gritar que não pertencia àquele lugar, e a televisão sintonizava mal apenas quatro canais. Ele fez espaguete; sexta-feira foi sempre dia de espaguete. No jantar, tentamos conversar.

“É bom estar de volta”, disse eu.

Ele sorriu brevemente. “Bom”, respondeu.

Tomou um copo de leite. No jantar, sempre bebeu leite. Concentrou-se em sua refeição.

“Você lembra do Tony?”, arrisquei. “Acho que falei dele nas minhas cartas. Bom, olha só, ele acha que está apaixonado. O nome dela é Sabine, e ela tem uma filha de seis anos. Eu avisei que pode não ser uma boa ideia, mas ele não me ouve.”

Ele espalhou cuidadosamente o queijo parmesão ralado sobre o macarrão, garantindo que a quantidade e a distribuição fossem perfeitas. “Ah”, disse ele. “Ok.”

Depois disso, continuei comendo e nenhum de nós disse mais nada. Bebi leite. Comi um pouco mais. Os ponteiros do relógio na parede avançavam.

“Aposto que você está animado para se aposentar este ano”, sugeri. “Imagine só, você pode finalmente tirar férias, ver o mundo.” Quase disse que ele poderia ir me visitar na Alemanha, mas não o fiz. Sabia que ele não iria e não queria colocá-lo em uma situação difícil. Enrolamos o macarrão no garfo simultaneamente, enquanto ele parecia ponderar qual seria a melhor resposta.

“Não sei”, ele disse finalmente.

Desisti de tentar conversar, e a partir de então os únicos sons vinham do bater de nossos garfos no fundo dos pratos. Quando o jantar terminou, nos separamos. Esgotado do voo, fui para a cama, acordando de hora em hora, assim como acontecia na base. Quando me levantei pela manhã, meu pai já tinha saído para trabalhar. Tomei café, li o jornal e tentei entrar em contato com um amigo, sem sucesso. Então peguei minha prancha de surfe na garagem e me mandei para a praia. As ondas não estavam grandes, mas tudo bem. Eu não subia na prancha havia três anos, estava um pouco enferrujado, mas mesmo a marola me fez desejar estar servindo perto do oceano.

Era o início de junho de 2000, a temperatura já estava quente e a água, refrescante. De cima da prancha, vi um grupo de pessoas carregando malas para uma das casas além da duna. Como já disse, a praia de Wrightsville sempre foi cheia de famílias que alugavam casas por uma ou duas semanas, mas, às vezes, quem vinha passar a temporada eram universitários de Chapel Hill e Raleigh. Esses últimos me interessavam, e notei um grupo de estudantes de biquíni tomando sol no deck dos fundos de uma casa próxima ao píer. Observei-as um pouco, apreciando a vista, depois peguei outra onda e passei o resto da tarde perdido em meu próprio mundinho.

Pensei em dar uma passada no Leroy, mas percebi que nada nem ninguém havia mudado, exceto eu. Em vez disso, peguei uma garrafa de cerveja da loja da esquina e fui sentar-me no píer para apreciar o pôr-do-sol. A maioria dos pescadores já tinha ido embora, e os poucos que restavam limpavam seus peixes e despejavam os restos na água. Com o tempo, a cor do mar passou de cinza ferro para laranja e depois amarelo. Na arrebentação para além do píer, via-se pelicanos sobre as costas dos golfinhos que ziguezagueavam através das ondas. Sabia que era a primeira noite de lua cheia; meu período em campo tornara essa percepção quase instintiva. Não pensava muito em nada, apenas deixava minha mente vagar. Acredite em mim, encontrar uma garota era a última coisa que passaria pela minha cabeça.

Foi quando a vi caminhando até o píer. Ou melhor, duas garotas passeando. Uma era alta e loira; a outra, uma morena atraente, ambas um pouco mais novas do que eu. Universitárias, provavelmente. Ambas usavam shorts e camisas, a morena carregava uma grande bolsa de tecido, que às vezes as pessoas levam para a praia quando pretendem passar horas com as crianças. Eu as ouvia rindo e conversando, parecendo despreocupadas e em clima de férias.

“Ei”, eu disse quando elas se aproximaram. Não foi nada sedutor, e não posso dizer que esperava alguma resposta.

A loira confirmou minha suspeita. Deu uma olhada na minha prancha e na cerveja em minhas mãos e me ignorou virando os olhos. A morena, no entanto, surpreendeu-me.

“Olá, estranho”, respondeu sorrindo. Ela apontou para minha prancha. “Aposto que as ondas estavam ótimas hoje.”

O comentário dela me pegou desprevenido, e percebi uma gentileza inesperada em suas palavras. Ela e a amiga seguiram até o fim do píer, e continuei observando, enquanto ela se inclinava sobre o parapeito. Hesitei se devia ou não me aproximar e me apresentar, e acabei desistindo. Elas não faziam o meu tipo ou, mais precisamente, eu não devia fazer o tipo delas. Tomei um longo gole da minha cerveja, tentando ignorá-las.

Porém, por mais que tentasse, não conseguia parar de olhar para a morena. Tentei não ouvir o que as duas meninas diziam, mas a loira tinha uma dessas vozes impossíveis de ignorar. Ela falava sem parar sobre um cara chamado Brad e o quanto ela o amava, e como sua fraternidade era a melhor da UNC, e que sua festa de final de ano foi a melhor de todos os tempos, e que a outra deveria entrar para a fraternidade no ano seguinte, e que muitas de suas amigas estavam ficando com o pior tipo de rapazes de fraternidade, e uma delas até ficou grávida, mas foi culpa dela, já que tinha sido avisada sobre o cara. A morena não falava muito – não dava para saber se estava interessada na conversa ou entediada –, mas de quando em quando dava uma gargalhada. Outra vez ouvi algo gentil e afetuoso em sua voz, algo que dava uma sensação de conforto, o que, admito, não fazia o menor sentido. Coloquei minha cerveja de lado e notei que ela havia colocado a bolsa sobre o parapeito.

Elas estavam lá fazia mais ou menos dez minutos quando dois caras surgiram no píer – rapazes da fraternidade, imaginei – usando polos Lacoste rosa e laranja e bermudas no comprimento dos joelhos. Meu primeiro pensamento foi que um dos dois deveria ser o tal Brad de quem a loira falava. Os dois carregavam cervejas e ficaram mais cuidadosos ao se aproximarem, como que pretendendo assustar as meninas. Provavelmente as garotas ficariam felizes em vê-los e, depois de um susto seguido por gritinhos e tapinhas, os quatro voltariam para casa juntos, rindo, fazendo graça ou qualquer outra coisa que casais de universitários fazem.

Poderia ter acontecido exatamente isso, pois os rapazes fizeram o que eu antecipara. Assim que se aproximaram, pularam para cima das meninas com um berro, elas gritaram e distribuíram tapinhas. Mais gritinhos, e o polo-rosa

derramou um pouco de cerveja. Ele se encostou no parapeito, perto da bolsa, pernas cruzadas, braços para trás.

“Ei, vamos acender a fogueira daqui a pouco”, disse polo-laranja abraçando a loira. Ele beijou o pescoço dela. “Vocês estão prontas para voltar?”

“Você está?”, a loira perguntou para a amiga.

“Claro”, respondeu a morena.

Polo-rosa se afastou do parapeito, mas sua mão acabou batendo na bolsa, que escorregou e caiu lá embaixo. O splash soou como um peixe pulando.

“O que foi?”, ele perguntou, virando-se.

“Minha bolsa!”, a morena engasgou. “Você derrubou.”

“Desculpe”, ele disse, sem parecer particularmente desolado.

“Minha carteira estava lá!”

Ele franziu a testa. “Eu disse que sinto muito.”

“Você tem que pegar antes que afunde!”

Os rapazes da fraternidade pareciam congelados, e eu sabia que nenhum dos dois tinha qualquer intenção de saltar para recuperar a bolsa. Por um lado, eles provavelmente não conseguiriam, e depois teriam de nadar até a praia, o que não é recomendável quando se bebeu tanto quanto eles obviamente haviam bebido. Acho que a morena também percebeu isso, pois a observei colocar as duas mãos sobre o parapeito e erguer um dos pés.

“Não seja idiota. Já era”, disse polo-rosa, erguendo as mãos para impedi-la. “É perigoso demais para pular. Pode haver tubarões lá embaixo. É só uma carteira. Compro uma nova para você.”

“Eu preciso daquela carteira! Todo o meu dinheiro está lá!”

Não era da minha conta, eu sabia. Mas a única coisa que passou pela minha cabeça quando levantei de um salto e corri para a beira do píer foi: “Ah, que se dane...”

• • • • •